

Olhares urbanos: protagonismo juvenil na escola.

GT 03 – Produção, Consumos culturais e mídia.

Francinézio Lima do Amaral¹
Israel Pinheiro Matos²

RESUMO:

O artigo resulta de um projeto de extensão universitária que evidencia a relação de jovens estudantes de uma escola da Rede Estadual de Ensino do Estado do Amazonas com os equipamentos midiáticos disponíveis, a partir da observação do modo como se constroem os acessos a estes equipamentos. Trata-se de uma análise da relação dos indivíduos com as mídias com o meio social em que se encontram inseridos, a partir das teorias sobre modernidade, tendo como foco a possibilidade do protagonismo juvenil no interior dos espaços públicos e privados.

Palavras-chaves: Protagonismo juvenil, modernidade, mídia.

RESUMEN:

El artículo es el resultado de un proyecto de extensión que muestra la relación de los jóvenes estudiantes de una escuela en las escuelas públicas del Estado de Amazonas con equipos medios disponibles, desde la observación de la forma en que se genera el acceso a este equipo. Este es un análisis de la relación entre las personas y los medios de comunicación con el entorno social en el que se insertan, a partir de las teorías sobre la modernidad, se centra en la posibilidad de la participación de los jóvenes en los espacios públicos y privados.

Palabras clave: Liderazgo Juvenil, modernidad, medios de comunicación.

1. PROTAGONISMO JUVENIL E MODERNIDADE.

A partir de alguns estudos teóricos de grande envergadura que versam sobre o fenômeno social da modernidade, seus desdobramentos e consequências para a vida humana, é possível observarmos que atualmente, nos encontramos em uma espécie de intersecção paradigmática onde ainda encontramos resquícios do comportamento social moderno do início do séc. XIX, diluindo-se desencaixados entre um conjunto de relações sociais superficiais que se desmancham com facilidade ante o volume de demandas das quais os indivíduos têm de dar conta e que são peculiares do séc. XXI.

Referimo-nos a uma sociedade cada vez mais pautada num individualismo globalizante, mas que ao mesmo tempo reforça laços de forte dependência econômica, política, cultural, moral, etc., suscitando, inclusive o debate a cerca da possibilidade de a humanidade ter alcançado um estágio de pós-modernidade. De certo, vivemos em um momento de fortes riscos, incertezas e inseguranças que corroboram situações de crises e cada vez menos expectativas de transformações estruturais por parte significativa de algumas sociedades. Informações em volumes e velocidades cada vez maiores e mais

¹ Mestre em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia – PPGS da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Professor e Gerente de Educação Patrimonial da Fundação Municipal de Cultura, Turismo e Eventos – Manauscult.

² Discente do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

abrangentes, tecnologias e avanços científicos surgindo quase que diariamente, relações mercadológicas globalizantes determinando comportamentos e tendências, espetacularização midiática de acontecimentos e fenômenos sociais, etc., são algumas das características da sociedade moderna.

Um dos reflexos mais significativos dessas consequências pode ser observado nas relações mais básicas entre os indivíduos e instituições sociais como família, escola, igreja, partidos, sindicatos, governos, etc. Ao mesmo tempo em que as finalidades últimas dessas relações sejam as realizações individuais tais atores sociais nunca estiveram tão dependentes entre si como na sociedade moderna, culminando em uma crise dessas relações sociais expressa entre outras formas, na perda de sentido e na inversão de valores dentro das esferas públicas e privadas, por exemplo.

Considerando o conceito habermasiano de esfera pública, foi no Estado Social democrático que a imprensa se consolida como formadora da opinião pública. Contudo, essa opinião pública nesse sistema é regida pelos interesses privados das políticas partidárias e dos setores econômicos, ou seja, o que era para ser uma ferramenta de estímulo à criticidade participativa dos indivíduos, que os permitisse atuarem de maneira efetiva na vida política da sociedade moderna, passa a ser um veículo pautado na propaganda ideológica e nas relações de mercado, deixando o público à margem das decisões, sendo mero espectador e reproduzidor do pensamento hegemônico.

As mudanças estruturais nas relações dos sujeitos com a esfera pública no século XXI transpassam qualquer prognóstico anterior proposto pela modernidade. Para Giddens (1999), com o aprofundamento das consequências da modernidade as instituições que compõe e organizam a vida se encontram em um escopo de intensidade global, onde a relação do sujeito com o espaço se amplia dentro de mecanismos de desencaixe. A esfera pública também é interdepende dessas instituições modernas, mas ao atingir o processo exacerbado de desencaixe, as próprias estruturas e instituições perdem o poder e o controle sob as ações realizadas dentro da esfera pública. Assim, só podemos compreender o conceito de esfera pública se compreendermos que estamos tratando de um conjunto de intersubjetividades estabelecidas dentro de contextos particulares.

Thompson (2012) nos indica que as estruturas da comunicação não modificam apenas os instrumentos e os mecanismos das mensagens, mas também os sentidos e a realidade como se apresentam. No momento, em que são traçados novos meios de comunicação, novos tipos de intersubjetividades são construídos a partir da ação entre os sujeitos. Para tanto, como aponta Castell (1999), os espaços e a sociedade do século XXI, compõem uma sociedade informacional em rede, onde as identidades são definidas principalmente pela posição dos indivíduos no interior da rede.

Assim, é possível observar que as relações dentro do campo da esfera pública brasileira, no final do século XX são alteradas completamente tanto pela apreensão das tecnologias interativas (celulares, pages, mp3, notebook, computadores, videogames), por parte da população, quanto pela mudança estrutural demandada pela crescente necessidade de troca de informações em tempo real e do consumo estimulado pela indústria cultural. Foi esse aprofundamento das relações de consumo no país que trouxe consigo as possibilidades da inserção dos sujeitos na sociedade globalizada e informatizada. Vale ressaltar que essas transformações sociais do final do século XX, não ocorrem de maneira justa e nem igualitária, mas, ao contrario, é imposta a partir de uma lógica externa e verticalizada, com aponta Ianni (2003). As relações região-mundo são alteradas por conta do desenvolvimento de novas formas de exploração capitalista. No Brasil, por exemplo, o acesso aos equipamentos tecnológicos é fomentado pelo governo, através de medidas provisórias e incentivo fiscal, que diminuem o preço desses produtos e possibilitam o acesso.

Nesse turbilhão de acontecimentos e fenômenos sociais encontramos um grupo social bastante peculiar e que nos permite observar com certa objetividade tais fenômenos, qual seja a juventude. Juventude que ainda é entendida por algumas culturas como a fase da vida humana onde os conflitos, os medos e as incertezas colocam o indivíduo jovem como um ser completamente dependente das

orientações e intervenções daqueles que já superaram essa fase e acumularam experiências capazes de orientá-lo na condução de sua própria vida, evitando assim a possibilidade de erros, sofrimentos, angústias, etc., ao mesmo tempo em que se deposita neste mesmo indivíduo jovem a responsabilidade de levar a cabo o futuro da própria sociedade.

Por outro lado, os próprios avanços decorrentes da industrialização, do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, das possibilidades de comunicação e de interação globalizadas, passam a exigir a existência de indivíduos com capacidades elevadas de compreensão e ação no interior das sociedades e que deem conta de estabelecer o equilíbrio das relações sociais pautadas em permanentes e diversos conflitos, o que demanda o desenvolvimento de uma característica humana que ao longo do próprio processo de modernidade foi relegado ao segundo plano: a autonomia. Temos assim, um momento histórico em que a juventude, dentro da concepção das ciências sociais – onde os indivíduos perpassam aquela fase de transformações psicológicas e redefinições de papéis sociais – sofre a ação efetiva daquela transição paradigmática, ou seja, por um lado ainda é considerada incapaz de assumir as responsabilidades na condução de sua própria condição de ator social ativo, ao mesmo tempo em que é extremamente exigido a desenvolver múltiplas capacidades de assimilação de informações que possibilitem rápido retorno às demandas da sociedade em que está inserido.

Foi a partir da observação desses fenômenos característicos da sociedade moderna, que surgiu o interesse em realizar um projeto de extensão que permitisse uma análise prévia dessa peculiar condição da juventude tendo como mote o conceito de protagonismo juvenil. A escolha dessa abordagem teórica levou em consideração o momento atual em que vários campos de conhecimento científico vêm se debruçando sobre o tema com vistas a ampliar e aprofundar o entendimento desse grupo social e sua importância no atual momento da vida social moderna. O conceito de protagonismo juvenil utilizado no projeto corrobora aquele utilizado por COSTA (1996) em seu texto “Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática” e que foi definido como

... a participação do adolescente em atividades que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio-comunitário (p. 90).

Para o autor, a formação de indivíduos capazes de compreenderem as particularidades e exigências das relações globalizadas, equalizando individualismo e coletividade a fim de dirimir as desigualdades sociais, típicas da sociedade de consumo, perpassa uma concepção de educação que privilegie a construção de um ser social capaz de aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a aprender, para além dos limites da escola enquanto instituição, reconfigurando as relações entre educadores e educandos e entre adultos e jovens no geral. A partir dessa definição, foi possível verificar a forte dissonância ainda existente entre o que vem sendo exigido dos indivíduos jovens por parte da atual configuração da vida moderna globalizada em detrimento do que ainda é oferecido por esta própria sociedade para a formação dos mesmos, especialmente em relação às possibilidades de desenvolvimento da autonomia que permita como consequência, o alcance da emancipação humana.

Assim, tomamos como ponto de partida de um projeto de extensão acadêmica, as relações de uma parcela da juventude amazonense, estudante de uma escola do ensino médio da rede pública estadual, da Zona Norte, periferia de Manaus, com o acesso, o consumo e o uso de equipamentos midiáticos e como essas relações constroem os meios de acesso aos bens culturais e à possibilidade do protagonismo juvenil como facilitador do desenvolvimento e fortalecimento da autonomia desse grupo

social. Para tanto, buscamos verificar como os jovens se apropriam dos meios de comunicação disponíveis, bem como tais meios de comunicação direcionam o comportamento e o consumo de cultura entre estes jovens.

2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E O PROTAGONISMO JUVENIL.

Quando CHAUI (2006) evidencia a destruição da opinião pública a partir da substituição das categorias de “verdade” e “falsidade” pelas categorias de “credibilidade” e “confiabilidade”, fortalece ainda mais os argumentos de que os meios de comunicação de massa da sociedade moderna compõem o conjunto de ferramentas estratégicas que reproduzem a hegemonia globalizante que determina, dentre outras coisas, as relações dos indivíduos com o consumo e a reprodução das culturas. Para a autora, a população brasileira ainda desempenha um papel de espectadora de um tipo de programação pautada na espetacularização da intimidade e da personalidade de indivíduos “ícones” que fazem com que as notícias, as entrevistas, as músicas, os debates, as competições esportivas e os demais fatos históricos sejam processados de maneira que apenas as informações superficiais sejam internalizadas e estas, por sua vez, informam apenas aquilo que já foi decidido como importante pelos editores e diretores dos programas veiculados.

Não é casual que os noticiários, no rádio e na televisão, ao promover entrevistas em que a notícia é intercalada com a fala dos, direta ou indiretamente, envolvidos no fato, tenham sempre repórteres indagando a alguém: “O que você sentiu/sente com isso?” ou “O que você achou/acha disso?” ou “Você gosta? Não gosta disso?”. Não se pergunta aos entrevistados o que pensam ou o que julgam dos acontecimentos (p. 6).

O convencimento dos espectadores de que a interpretação dos fatos e problemas da vida já foi feita pelos “especialistas” de cada assunto cuidadosamente mostrado, cria-se um simulacro que faz com que o espaço público de discussão, criticidade e compreensão da complexa trama de relações sociais na modernidade sejam substituídos pela massificação da opinião privada de determinados membros dessa sociedade que gozam de privilégios garantidos pela dominação ideológica que lhes creditam a confiabilidade plausível, em detrimento da análise das informações na busca pela verificação da veracidade ou da falsidade do que seja veiculado, banalizando as relações culturais e reduzindo a realidade à mera espetacularização midiática.

Porém, a partir da década de 1970, com a expansão das tecnologias da informação, uma nova configuração das relações midiáticas globalizadas se estabelece redefinindo os papéis sociais no interior do processo comunicacional e também o intercâmbio de experiências culturais onde, de acordo com Thompson (1998), a ideia de produção, armazenamento e circulação das informações e dos conteúdos simbólicos, ganha novos contornos e, conseqüentemente, reorganiza, reordena e reelabora as relações sociais modernas mediadas pelas instituições que determinarão os níveis e os tipos de acesso ao poder de influência por parte dos meios de comunicação. É nesse momento que podemos perceber a ação invisível e imperceptível do poder simbólico no interior do campo midiático, regido pelas contradições conflitos entre os diferentes níveis de capital (econômico, cultural, intelectual, etc.), como nos ensinou Bourdieu (1989), que direcionam a forma como as informações e os equipamentos midiáticos serão disponibilizados aos indivíduos e, conseqüentemente, legitimam o modelo de dominação vigente na sociedade moderna globalizada.

Foi a partir desse cenário teórico que buscamos observar as relações dos jovens com os meios de comunicação, especialmente com os mais recentes como os aparelhos tecnológicos e a internet. O

projeto de extensão intitulado “Olhares urbanos: protagonismo juvenil na escola” desenvolveu uma série de atividades com um grupo de 30 (trinta) jovens estudantes das três séries do ensino médio da Escola Estadual Samuel Benchimol, localizada no bairro Nova Cidade, zona Norte da capital amazonense. O projeto foi dividido em duas etapas onde a primeira consistiu em uma revisão das teorias escolhidas para a abordagem do tema e o planejamento de oficinas temáticas, realizada pela equipe de professores e discentes dos cursos de Ciências Sociais, Comunicação Social e Serviço Social.

Na segunda etapa, foi aplicado um questionário entre os alunos selecionados para que fosse possível ter um panorama das relações destes com as mídias e em seguida, iniciamos o processo de escolha das temáticas das oficinas a serem realizadas durante o projeto. Vale ressaltar que o processo de escolha das temáticas estimulou a participação dos jovens estudantes na escolha das temáticas das oficinas como forma de incentivo ao protagonismo. A partir da definição das ações, iniciou-se o ciclo de oficinas que objetivaram estimular o protagonismo juvenil a partir da construção de produtos de comunicação (documentário audiovisual, fotonovela, radionovela e rádio jornal) e os produtos foram escolhidos com base no que os jovens demonstraram serem as atividades mais usadas em seu dia-a-dia e que mais despertava o interesse.

Os resultados da análise dos dados dos questionários aplicados possibilitou traçar o perfil dos jovens e ajudou na condução do processo de desenvolvimento do projeto. Em suma, os jovens ainda têm a televisão como o principal meio de informação e lazer, porém, a internet já ultrapassou o rádio e é a segunda opção de entretenimento. Entre a programação mais consumida temos, por ordem de importância, programas culinários, de entrevistas, seriados de TV, desenhos animados, programas de auditório, clips musicais e filmes. Chama muito a atenção o fato de que os telejornais e as telenovelas, tidos em muitas pesquisas de opinião como os principais veículos de informação, entretenimento e cultura, foram as duas opções que menos atraem os jovens que participaram do projeto.

Já em relação ao consumo de outros equipamentos culturais como teatro, praças, museus, cinemas, shows, etc., as respostas apontam para um uso esporádico apesar de que os jovens reconhecem a importância de desses lugares para uma formação mais qualitativa enquanto cidadãos. No entanto, os shoppings ainda figuram como um dos principais espaços de convivência e lazer, onde as trocas culturais se realizam. Outro espaço de convívio e trocas simbólicas são as igrejas, frequentadas por quase a totalidade dos jovens, mostrando que as instituições sociais mais antigas ainda têm grande influência simbólica entre os jovens, mesmo que estes já apontem para uma mudança significativa das formas de pôr em prática alguns rituais tanto religiosos quanto sociais.

Em relação à leitura como fonte de conhecimento e informação, os jovens demonstraram saber da importância dessa prática mais a frequência em bibliotecas é baixa, motivada especialmente pela distância, pois a maioria das bibliotecas da cidade se concentra no centro e os jovens residem na periferia, demandando grande quantidade de tempo para usar esse equipamento. Porém, um dado animador é que a média de leitura dos jovens se mostrou bastante satisfatória e mesmo que estas leituras ainda estejam concentradas no material didático, muitos jovens leem jornais, livros de romance, poesias e literários.

O ponto mais importante para nossas pretensões de análise ficou a carga do uso da internet, pois se os jovens passam uma média de quatro horas em frente à televisão, esse tempo pode chegar a dez horas diárias de uso da rede de computadores. Esse dado é de extrema importância, pois mostra que mesmo que os jovens que participaram do projeto não estejam destoando das características mais comuns entre os jovens brasileiros, se somarmos o tempo que dispõem com os dois principais meios de comunicação teremos uma média de quatorze horas de bombardeio midiático que, como já vimos, atua cada vez mais em nome de interesses particulares que garantam a reprodução das relações de dominação social. A internet é fundamentalmente utilizada para acessar as redes sociais (facebook, twitter, youtube), fazer downloads de músicas, filmes e séries e fazer pesquisas escolares,

respectivamente. Quando perguntados sobre os motivos que os levaram a adotar a televisão e a internet como as principais mídias para acessar informação, entretenimento e cultura, a maioria dos jovens não soube organizar um argumento plausível de ser considerado como resposta.

Após estabelecer o perfil dos jovens, o projeto prosseguiu com a realização de oficinas onde se discutiu a importância de ações que contribuam para o desenvolvimento do protagonismo juvenil e quais as ferramentas que podem ajudar nesse desenvolvimento. As discussões em grupo foram importantes para que os jovens percebessem que o simples consumo de equipamentos midiáticos não garante por si só o acesso à cultura e ao desenvolvimento do conhecimento necessário à formação de uma sociedade cujos indivíduos sejam protagonistas de suas histórias, facilitando a compreensão do objetivo principal do projeto que foi possibilitar o uso dos recursos midiáticos mais acessíveis aos jovens na produção de produtos de comunicação onde pudessem exercer o protagonismo juvenil.

A partir desse objetivo geral, se estabeleceram as demais oficinas temáticas (elaboração de roteiros, expressão corporal, fotografia, rádio e audiovisual) onde os temas desenvolvidos foram escolhidos a partir dos debates entre os jovens e buscaram retratar o cotidiano dos mesmos tanto dentro da escola quando no bairro onde moram. O projeto finalizou com a apresentação dos produtos (radionovela, fotonovela, documentário audiovisual e boletim informativo de rádio) que foram apresentados aos demais alunos e professores da escola. Após a finalização a escola efetivou uma programação contínua através da rádio escolar que antes se encontrava inoperante, fazendo com que essa ferramenta pedagógica passasse a ser utilizada com mais frequência por professores e alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A partir dessa breve descrição sobre os atores sociais que participaram do projeto “Olhares Urbanos: protagonismo juvenil na escola” e os seus desdobramentos, se pode estabelecer algumas reflexões a cerca das relações dos jovens com os diversos meios de comunicação e de consumo cultural. A troca de experiências entre professores, monitores e estudantes, trouxe consigo o estreitamento de laços sociais dispostos dentro de uma lógica alternativa àquelas relações hegemônicas pautadas no individualismo globalizante do consumo exacerbado e liquidez de sentimentos e ações como demonstra Bauman(2003). O protagonismo juvenil foi na verdade um instrumento que possibilitou exercitar a busca pela emancipação social através de um comportamento mais efetivo dentro da escola, tendo em vista que a partir do momento em que os jovens passaram a se apropriar de algumas técnicas de como utilizar os instrumentos midiáticos para além das possibilidades já impostas pela sociedade de consumo, aumentaram suas perspectivas de se perceberem enquanto atores sociais capazes de provocarem mudanças na realidade em que estão inseridos.

Esse desdobramento está em consonância com as críticas à modernidade já expostas no início do texto e ressalta o fato de que se torna cada vez mais urgente considerar as novas possibilidades de configuração das relações midiáticas uma vez que cada vez mais aqueles indivíduos que antes eram meros espectadores, passam a ter a oportunidade de protagonizarem de maneira mais efetiva e concreta as ações que darão prosseguimento à vida em sociedade. Uma questão que julgamos importante nesse contexto e que suscitamos ao debate sobre a temática sobre o protagonismo juvenil, diz respeito aos tipos de acessos que estarão sendo disponibilizados aos jovens brasileiros haja vista o histórico de dominação ideológica que forjou nossa sociedade. Isso porque, ainda se faz necessário a construção e efetivação de políticas públicas engajadas em promover um protagonismo social capaz de consolidar uma identidade verdadeiramente cidadã.

Essa é uma discussão ampla e complexa que envolve o esforço intelectual de professores, pesquisadores, intelectuais, governantes e, principalmente a sociedade que deve ser envolvida e estimulada a exercitar o protagonismo. Nesse texto, visando contribuir para o debate, tomamos como

exemplo as relações midiáticas da sociedade globalizadas e suas consequências para a vida de jovens que, dependendo das possibilidades de acesso e de orientação obtida, principalmente através da educação – e não necessariamente apenas da escola – podem desenvolver o fortalecer um protagonismo capaz de transformar a realidade individualista, consumista, líquida e de poucas alternativas de esperança que vem sendo apresentada pela sociedade moderna globalizada.

REFERÊNCIAS.

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- BERMAN, M. *Tudo o que é sólido se desmancha no ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Editora Schwarcz, 1986.
- BORGES, G. S; DENARDI, E. *Juventude e modernidade: suas relações com a mídia*. Disponível em [http://www.unicentro.br/redenc/2010/Artigos/JUVENTUDE E MODERNIDADE SUAS RELAÇÕES COM A MÍDIA.pdf](http://www.unicentro.br/redenc/2010/Artigos/JUVENTUDE%20E%20MODERNIDADE%20SUAS%20RELA%C3%87OES%20COM%20A%20M%C3%8DIA.pdf). Acessado em 28/07/2013.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CHAUÍ, M. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Editora fundação Perseu Abramo, 2006.
- COSTA, A. C. G. *Protagonismo juvenil: o que é e como praticá-lo*. Disponível em: <http://4pilares.net/text-cont/costa-protagonismo.htm>. Acessado em: 28/07/2013.
- GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. Ed.2ª. Tempo Universitário: 1984.
- WEBER, M. *Economia e sociedade: fundamentos da sociedade compreensiva*. Brasília: Editora Universidade, 1991.
- IANNI, O. *Teorias da globalização*. 4ª Edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.
- LIMA, Luiz Costa (org.). *Teoria da cultura de massa*. 3ª ed. Rio de Janeiro: PAZ E TERRA, 1982.
- THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TOURAINE, A. *Crítica da modernidade*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1994.